

Nietzsche: Uma Filosofia do Desperdício

Guilherme Cadaval¹

Resumo: O presente trabalho pretende entender o papel da metáfora dentro da filosofia de Nietzsche. Compreendida tradicionalmente como tendo a função de um deslocamento do significado, a metáfora foi relegada a uma categoria inferior na perspectiva da filosofia, por proceder a esta operação em certa medida dispensável de deslocamento, bem como por obscurecer o sentido literal, afastando-se de uma racionalidade argumentativa. Queremos mostrar que, partindo de uma perspectiva do desperdício, a metáfora vai além do papel de mero recurso estilístico no pensamento nietzschiano. Ao contrário, colocada em primeiro plano, é ela quem se torna a “guia” do pensamento, excedendo sua delimitação como ferramenta, utilizável ou descartável segundo o serviço prestado a propósitos determinados.

Palavras-Chave: Nietzsche, Metáfora, Desperdício, Afirmação, Efeito.

Abstract: This study aims to understand the role of the metaphor in Nietzsche’s philosophy. Traditionally understood as having the function of a shift of meaning, the metaphor was relegated to a lower category in the philosophical perspective, as she proceeds to this somewhat unnecessary operation, as well as obscuring literal sense, moving away from an argumentative rationality. We want to show that, from the perspective of waste, the metaphor goes beyond the role of mere stylistic feature in Nietzsche. Instead, put in the foreground, she becomes the “guide” of thought, exceeding her delimitation as a tool, usable or disposable according to the service provided to certain purposes.

Keywords: Nietzsche, Metaphor, Waste, Affirmation, Effect.

¹ Graduando em Filosofia na UFRJ e membro do Laboratório KHORA de Filosofias da Alteridade.



Tradicionalmente, seria de se esperar da Filosofia que estabelecesse limites, claros e evidentes, dentro dos quais ela procederia à sua operação. Qualquer outro caminho seria um contrassenso filosófico. Os limites podem variar, alterando o alcance de cada filosofia, mas o fato do “delimitar” permanece indiscutível. Lançar-se num caminho sem que se conceba o destino – e sem criar regras claras, que permitam identificar pontos seguros e estáveis que sustentem toda a empreitada – seria simplesmente um desperdício.

Porém, o que guardaria este caminho desconhecido? Ou melhor, este percurso que foi deixado de lado antes mesmo de ganhar vida, ou seja, de ser criado. O que aconteceria, se o limite fosse desfeito, deixando transbordar pelas beiradas de uma prática que se tornou verdadeira e sustentável uma vontade, um desejo que não se explica e não se cala?

Por outro lado, fazer filosofia significa fazer calar um sem número de objetos que foram devidamente examinados? E quanto a escutar a voz daquilo que sempre esteve subjacente a todo discurso?, e ao qual, no entanto, nunca foi permitida a entrada.

O presente trabalho pretende lançar um olhar sobre o papel da metáfora no pensamento de Nietzsche.

Num primeiro momento, é preciso pensar a metáfora não como um instrumento, uma ferramenta. De certa maneira, é preciso não pensar na sua função. Restringi-la a determinado *jogo*, compreendendo sua mecânica, seria passar longe, abaixo de seu efeito.

Logo se nota o desafio de adentrar o pensamento de Nietzsche pela porta metafórica. Se não podemos explicar a metáfora; se devemos nos render a seu efeito, o que poderá então ser dito? *O que fazer desta Filosofia?*

A graça, se podemos falar assim, está no fato de que, para se achar a resposta a essa pergunta (e não se a achará), temos de nos precaver contra este pensamento: temos de nos distanciarmos dele. E o fazemos criando aquilo que lhe irá oferecer resistência – uma defesa, sim, porém simultaneamente um ataque – de maneira que não nos transformemos em seus seguidores.

Porém, qual é o papel da metáfora em tal pensamento? Contradizendo o que foi afirmado mais acima, precisamos buscar entender o seu funcionamento. Esta parece ser a questão aqui; ela irá esclarecer a escolha pela metáfora, não como mera forma, dando



a entender que o conteúdo contido nela poderia simplesmente ser expresso de outra maneira, mas como tendo uma “função” ativa dentro da filosofia de Nietzsche.

A metáfora foi tradicionalmente entendida como um deslocamento. Diz-se em outras palavras, aquilo que se quer de fato dizer, o que remete a um certo distanciamento perigoso da razão. O sentido original, contudo, permanece a salvo; basta um esforço racional que o traga de volta. A metáfora seria uma espécie de concessão, poderíamos dizer, uma concessão de estilo, inferior, por ter este papel em certa medida dispensável de deslocar o significado. Dando-lhe um valor mais ou menos ilustrativo, sua *função* é estabelecida, os perigos e possíveis proveitos de sua utilização são definidos – e no entanto a metáfora ela mesma, sua voz peculiar, enfim, todo um caminho não trilhado é descartado. Isto não pertence à Filosofia; ela não pode correr este risco.

A discussão acaba por girar em torno do funcionamento ou não funcionamento visando um determinado propósito. Se seu uso for razoável, justificado, então é concedido. Mas não se abandona a noção de que o verdadeiro está a salvo no significado, apenas oculto, dito de outra maneira por um artifício da linguagem.

Tomar o caminho da metáfora é, antes de tudo, abdicar do início ao fim de qualquer segurança. Isto significa abrir mão de pontos de referência, de conceitos claramente delimitados, da direção coerente. É preciso perguntar, no entanto, o que motiva, o que empurra para frente tal empreitada. Se a Filosofia foi sempre desejosa de aproximar-se, de finalmente encontrar a verdade última, a verdade mesma, como seria permitido lançar-se sem nada querer encontrar?, apenas abrindo caminho à força.

Esta é outra pergunta para a qual não se achará uma resposta. O que levaria Nietzsche a exercer seu pensamento?, fazendo um percurso rechaçado por todos os lados. *Porque* fazer tal coisa, se não se conquistará – a verdade. A resposta poderia ser simplesmente, porque sim; e este “porque” jamais conteria tamanha afirmação.

Aqui nos aproximamos (por mais contraditório que seja) do papel que a metáfora tem no pensamento de Nietzsche (é preciso deixar claro que este papel é múltiplo; acreditar capturá-lo seria cair na sedução da metáfora). Se voltarmos à ideia de sua função, a de um deslocamento do significado, podemos pensar que o movimento da metáfora é, por “natureza”, afirmativo. Quer dizer, é um movimento que se expande,

que salta para fora, *abandona*, excede, que escapa e se derrama, desperdiçando um esforço. O movimento contrário seria resguardar-se atrás de uma verdade.

Ainda é necessário perguntar, no entanto, o que quer este movimento. O processo de leitura, afinal, é uma violação, a apropriação de uma completa alteridade. E para isso, é preciso *dar sentido* ao texto; até certo ponto, é preciso esclarecer e delimitar o que, ao final, permanecerá obscuro. Acompanhar a metáfora em seu salto, para abandoná-la em seguida.

Talvez neste momento, fugindo ligeiramente ao “propósito” deste trabalho, seja interessante citar um aforismo de *A Gaia Ciência*, intitulado “*Vita Femina*”.

“(…) me inclino a crer que as maiores alturas de tudo o que é bom (...), permaneceram algo oculto e velado para a maioria e mesmo para os melhores dos seres humanos até hoje – o que se revela para nós, no entanto, *revela-se-nos apenas uma vez!* (...) a profana realidade não nos dá o belo, ou o dá somente uma vez!”. (Nietzsche, 2001, p. 229)

É interessante pensar neste instante da leitura como isto mesmo: um instante. O sentido do texto é iluminado por apenas um momento, para depois ocultar-se outra vez. Essa iluminação, no entanto, constitui momento de criação.

Coincidentemente, seria esta a operação da metáfora. Podemos imaginar um quarto escuro, onde, de repente, uma luz se acende e se apaga num mesmo fôlego. É certo que uma perspectiva do quarto se fez visível. E, no entanto, ela já não oferece segurança. Nada *permanece* claro; o movimento precisa continuar.

O que fazer com aquilo que não permanece? Com aquilo que, ao invés de esclarecer de uma vez por todas, (não) se revela num instante para se ocultar no próximo? Voltemos à cena anterior. A luz se acende, dá contorno ao que nos cerca, e volta a deixar tudo na escuridão.

Agora pensemos na metáfora. A metáfora é um golpe, desferido contra o leitor. Um golpe no escuro. É certo que o desejo do leitor, assustado pela escuridão que a luz torna evidente (também a luz é posta em evidência pela escuridão), seja beneficiar-se desta iluminação novamente, tomar posse dela; ou antes, oferecer-se a ela. Por isso, a metáfora.

Num mesmo movimento, ela deixa ver e se esconde. Isto acontece por sua natureza de deslocamento do significado, por um lado, e sua ausência de significado



próprio, por outro. Ainda assim, ela é apenas este movimento. Qualquer significado foi abandonado.

Para ilustrar esta ideia, citaremos um trecho do livro *Éperons: Les Styles de Nietzsche*, de Jacques Derrida:

“A questão do estilo: é sempre o exame, o peso de um objeto pontudo. Por vezes, apenas de uma pluma. Mas também de um estilete, até mesmo de um punhal. Com a ajuda dos quais se pode, certamente, atacar cruelmente isto a que a filosofia chama pelo nome de matéria ou matriz, para aí cravar uma marca, para aí deixar uma impressão ou uma forma, mas também para repelir uma forma ameaçadora, para mantê-la à distância, reprimi-la, proteger-se dela – dobrando-se, então, ou redobrando-se, em fuga, por detrás dos véus.”² (Jacques Derrida)

Podemos pensar na possibilidade de esclarecer o texto de Nietzsche. Ou seja, chegar ao sentido literal, àquilo que realmente está sendo dito ali, o que está por trás das metáforas oferecendo-lhes sustentação. Tal intenção, embora esteja aparentemente de acordo com os propósitos da Filosofia, com a Filosofia ela mesma, tornaria o texto descartável. Tomada como um escrito filosófico (nos termos em que se costuma entender esta expressão), a obra de Nietzsche é descartável. Dispensável. Um desperdício.

Aproximamo-nos ainda mais do que significa utilizar a metáfora como arma para fazer Filosofia. Na verdade, o próprio “fazer filosofia” está em risco. Podemos agora citar o trecho aonde o desperdício³, o esbanjamento de Nietzsche vem à tona:

“Sempre pressupondo que haja ouvidos (...) que não falem aqueles com os quais é *possível* comunicar-se – meu Zaratustra, por exemplo, procura ainda agora por eles (...). E até lá não haverá quem compreenda a *arte* que aqui foi esbanjada: jamais alguém pôde esbanjar tantos meios artísticos novos, inauditos, só então e para isso criados.” (Nietzsche, 1995, p. 57)

² O livro de Derrida não tem tradução para o português. A tradução utilizada aqui foi realizada pelo Prof. Dr. Rafael Haddock-Lobo, do departamento de Filosofia da UFRJ. Na bibliografia foi citada a edição francesa.

³ O termo “desperdício” aparece na tradução de Marcelo Backes (L&PM, 2003, p.77). A edição utilizada neste trabalho optou pelo termo “esbanjamento”.



É evidente que o desperdício não se explica, senão a partir da perspectiva do que se contém, e julga. O desafio que Nietzsche lança a seu leitor não é a substituição de um modo de fazer filosofia por outro, contrapondo um pensamento a outro que encontra-se mais próximo da verdade, daquilo que é.

O salto da metáfora é um abandono. Abandono da prática filosófica, da ideia de fazer filosofia, e, no entanto, não se abandona a Filosofia; ao contrário: se vai em direção a ela (e não se tem direção). O esforço exigido aqui é não permanecer olhando para trás, para o que se está perdendo, identificando e construindo a retidão do percurso por vir. E para isto, há um motivo.

Esta perda sempre esteve presente. Como aquilo que foi mantido no plano do não admitido. Por não se encaixar nos propósitos, por estar fora dos limites e preceitos da Filosofia. Aquilo que não tem propósito, que não tem função e motivo de ser – a partir de uma perspectiva do que “é” –, precisa ser descartado. À Filosofia, resta a tarefa de hierarquizar os valores, as posições. Resta julgar o que deve ficar no alto, e o que deve manter-se próximo ao chão. É preciso, enfim, sustentar ideias (perspectivas), como as de “acima” e “abaixo”.

A leitura de um texto filosófico, portanto; o leitor que busca tal leitura, busca a luz que enfim permanecerá acesa. Para que ele mesmo possa se posicionar e posicionar tudo o mais *em relação* a esta luz.

Qual será o efeito, então, de uma luz que se apresenta em flashes? De um pensamento que se dá no tempo de uma metáfora?

Parece impossível se posicionar diante daquilo que, num mesmo fôlego, deixa ver e desaparece. De fato, não é provável que se consiga tornar tal pensamento um lugar habitável. É necessária uma mudança de perspectiva.

Tendo recebido um golpe, o leitor já não pode se apoiar em seu texto. Até porque, este já não está mais lá, quer dizer, tudo que lhe resta é um efeito da leitura, tudo o que sempre lhe pertenceu – a marca do golpe. De fato, o próprio texto já é efeito da marca de um golpe.

Nietzsche inicia o capítulo “Por que escrevo tão bons livros”, de *Ecce Homo*, com a seguinte frase: “Uma coisa sou eu, outra são meus escritos” (Nietzsche, 1995, p.52). Isto seria dizer que ele não se colocou como o carregador de seu pensamento. Que por detrás de seus escritos, não fala uma autoridade; que os escritos mesmos não são frutos de sua obediência a si mesmo. Uma espécie de aviso: aqui corre-se o risco de

uma leitura. É inevitável, com isso, pressentir a *luta que se escreve à medida de seus próprios desdobramentos*.

A metáfora se lança livremente no espaço. Por sua leveza, sua falta de direção (que não é tola, mas forte), ela flutua; resta ao leitor o pulo, que talvez se dê no susto do golpe: oferecerá ele sustentação a ela? Oferecerá sustentação ao que não pede, não necessita de tanto, colocando-se abaixo dela? Ao fim e ao cabo, o interesse da metáfora é: o que farão de mim?

É interessante citar um trecho do livro de Deleuze intitulado *Nietzsche*:

“O filósofo deixa de ser fisiólogo ou médico para se tornar metafísico; (...) Considera-se submetido às exigências da verdade, da razão; mas, sob estas exigências da razão, reconhecemos muitas vezes forças que não são de forma alguma racionais: Estados, religiões, valores em curso. A filosofia já não passa do recenseamento de todas as razões que o homem se dá para obedecer. O filósofo invoca o amor da verdade, mas esta verdade não faz mal a ninguém (ela aparece como uma criatura simplória, que gosta do seu bem-estar, que dá sempre a todos os poderes estabelecidos a certeza de que não causará nunca a ninguém o menor embaraço porque ela não passa, apesar de tudo, de ser a ciência pura).” (Deleuze, 2009, p. 19-20)

Podemos pensar aqui na figura do filósofo como leitor. Apoiado na verdade, ele acaba por se tornar seu carregador. Ele mesmo torna a verdade algo a ser carregado. Já não quer criar, mas permanecer na segurança de ser apenas o leitor daquilo que não depende dele mesmo. O pensamento de que, por trás de tais verdades, o filósofo encontraria apenas a si, como num labirinto circular, é insuportável. A verdade precisa sustentar a si mesma, e, no entanto, ela permanece sempre dependente, bem como torna mutuamente dependente.

De que modo pode ocorrer, portanto, a mudança de perspectiva? O que é colocado em *jogo* aqui? Parece clara a resposta, e no entanto nisto reside toda a tensão. O leitor, de repente, é chamado a, ou antes, desafiado a tomar posse, não do texto, da verdade do texto, mas de si próprio. Arcar com a responsabilidade de sua leitura, dos efeitos de tal leitura, como sendo, desde sempre, a sua parte.

Na incessante busca pela verdade, o leitor costuma ser o “objeto” desprezado, passivo, por estar sempre por alcançar a verdade – a sua figura é de alguém em busca de um ideal. O “leitor”, aqui, ele mesmo uma metáfora, representa aquilo que precisa ser calado no momento da leitura, quer dizer, aquilo que não deve trazer nada à mesa (ou

que não deve ser trazido à mesa), visto que esta já está posta. Sua “tarefa” é apenas seguir os caminhos dados, comprová-los de alguma maneira, tornando-se seu porta-voz e sustentador. Porém é preciso compreender que a intenção de Nietzsche (por mais perigoso que seja afirmar tal coisa) não é finalmente dar voz ao leitor. Pelo contrário. A “função” da metáfora permanece sendo o fazer calar. No entanto, ela desempenha este papel desafiando o silêncio, provocando-o, ao ser desferida violentamente, fazendo com que o leitor sinta o golpe – é preciso que a obrigação de carregar se torne insustentável. Como a metáfora desfere seu golpe e permanece sem que seja possível alcançá-la, ao leitor resta a tarefa de criar seu próprio caminho, chegando ao ponto onde o desperdício é possível, onde a metáfora que o golpeou torna-se dispensável, onde a violência sofrida não mais faz sofrer, não pesa, uma vez que ele se ergue e pensa por sua própria força.

É preciso colocar um parêntese neste ponto. O esforço por adentrar a obra de Nietzsche, na tentativa de decifrá-la, interpretá-la, oferecendo argumentos, buscando esclarecer certos pontos é um esforço perigoso, como, é claro, qualquer esforço interpretativo. Perigoso, pois a escrita de Nietzsche é repleta de armadilhas. Como é, acreditamos, sua intenção. Nunca se sabe ao certo onde se está pisando. De maneira que, ao fazer a escolha por entrar pela porta metafórica, como foi dito mais acima, torna-se necessário também, de alguma maneira, manter o jogo (a escrita) num “nível” metafórico.

Isto significa não se mover em torno de conceitos claramente delimitados. É preciso ter em mente que a metáfora permanece sempre aberta. A “graça”, por outro lado, desse perigo, é não sabermos que efeito uma nova leitura trará. Bem como o ato criativo em que se transforma toda leitura.

Para citar o próprio Nietzsche em seu *Ecce Homo*, sobre a experiência da leitura:

“Não existe em absoluto espécie mais orgulhosa e mais refinada de livros – eles alcançam aqui e ali o mais elevado que se pode alcançar na Terra, o cinismo; é preciso conquistá-los com os dedos mais ternos, e com os punhos mais bravos. A menor fragilidade da alma os proíbe de uma vez por todas, mesmo a menor dispepsia: é preciso não ter nervos, é preciso ter um ventre feliz. (...) uma palavra minha faz subir à face todos os instintos ruins.” (Nietzsche, 1995, p. 56)

O valor que Nietzsche dá a aventura da leitura fica evidente nesta passagem. Bem como seu entendimento do fazer filosófico. Não sustentar o leitor, não segurá-lo pela mão. Nada fazer por ele. Provocá-lo, até. E, no entanto, quere-lo.

Um pensamento que não se faça valer nas costas de quem o carregue. Que não queira carregadores. Por sua leveza, sim, mas também por ser capaz de erguer seu próprio peso sustentando a si mesmo, e exigindo que o “sigam” da mesma maneira.

Tal é a marca de uma Filosofia que conquistou o direito de desperdiçar.

Referências Bibliográficas:

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 229.

_____ *Ecce Homo*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.52-60.

DELEUZE, G. *Nietzsche*. Tradução: Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 2009, p. 17-20.

DERRIDA, J. *Éperons: Les Styles de Nietzsche*. Paris: Flammarion, 1978.